

ABUSO SEXUAL EM MENINOS: ROMPENDO O SILÊNCIO

Ana Patrícia Alves Vieira Parizotto*
Mabel Falavinha Baran**

Resumo

Atualmente, a preocupação com a violência sexual tem se tornado objeto de estudo e discussão pela sociedade, principalmente quando acontece contra crianças e adolescentes. Nesta pesquisa teve-se como objetivo identificar o número de casos de abuso sexual em meninos atendidos pelo Conselho Tutelar de Joaçaba, SC, comparando com o índice estadual, bem como definir e caracterizar estratégias de prevenção ao abuso sexual em meninos. Esta pesquisa tem relevância social e científica, por ser um tema pouco pesquisado, porém com alto índice de ocorrência. No decorrer da leitura, pode-se observar a extrema necessidade de mais pesquisas nessa área, bem como estudos embasados e abordagens específicas que possam auxiliar os profissionais na intervenção com a criança e o adolescente vítimas de abuso sexual. Palavras-chave: Abuso sexual em meninos. Violência. Prevenção.

1 INTRODUÇÃO

Até por volta do século XII, a arte medieval desconhecia a infância ou não tentava representá-la. É difícil crer que essa ausência se devesse à incompetência ou à falta de habilidade. É mais provável que não houvesse lugar para a infância nesse mundo. As crianças eram reproduzidas como homens em uma escala menor, o que se parece muito distante do nosso sentimento e visão atuais (ARIÈS, 1981).

Por volta do século XII, surgiram alguns tipos de crianças um pouco mais próximas do sentimento moderno. Surgiu o anjo, representado por um rapaz muito jovem, adolescente; o segundo tipo seria o Menino Jesus, ou Nossa Senhora menina; a infância se ligava ao mistério da maternidade. Um terceiro tipo de criança apareceu, a criança nua. A partir disso a infância deixou de se limitar à infância de Jesus. Antigamente, não se pensava como hoje, as crianças morriam em grande número (ARIÈS, 1981).

Muitas vezes, vestidas como adultos e vivendo como adultos, as crianças do século XVII, tanto meninas quanto meninos vestiam trajes femininos, tipo um vestido comprido; somente mais tarde os meninos se libertaram do vestido. Uma das leis não escritas de nossa moral contemporânea, a mais imperiosa e a mais respeitada de todas, exige que, diante das crianças, os adultos se abstenham de qualquer alusão, sobretudo jocosa, a assuntos sexuais (ARIÈS, 1981).

Esse sentimento era totalmente estranho à antiga sociedade. As crianças eram tratadas com tamanha liberdade, em relação às brincadeiras e na indecência dos gestos, que era natural. A apresentação ao sexo era muito precoce, em torno dos quatro anos; o casamento acontecia por volta dos 13 ou 14 anos. Essa ausência de reserva diante das crianças, esse hábito de associá-las a brincadeiras que giravam em torno de temas sexuais, hoje em dia, é absurdo. Todavia, a atitude diante da sexualidade e, sem dúvida, a própria sexualidade variam de acordo com o meio e, por conseguinte, segundo a época e a mentalidade. Não se acreditava que a inocência realmente existisse (ARIÈS, 1981).

2 A VIOLÊNCIA SEXUAL

Nas últimas décadas do século XX e nesses primeiros anos do século XXI, as preocupações com a violência se tornaram objeto de discussão por parte de toda a sociedade. Atualmente, convive-se com uma realidade em que a violência, nas suas mais diversas formas de expressão, vem marcando presença no cotidiano (PIRES FILHO, 2011).

* Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina; Professora titular da Universidade do Oeste de Santa Catarina; biscoito.m@bol.com.br

** Pós-graduanda em Psicologia Jurídica pela Universidade do Oeste de Santa Catarina; Especialista em Psicopatologia pela Universidade do Oeste de Santa Catarina; ana.parizotto@unoesc.edu.br

No Brasil, o abuso sexual de crianças e adolescentes é uma das formas de violência mais preocupantes (SANTOS; DELL'AGLIO, 2010). O abuso sexual ocorre por meio de práticas eróticas e sexuais impostas à criança ou ao adolescente mediante violência física, ameaça ou indução de sua vontade, podendo variar desde atos em que não se produz o contato sexual (voyeurismo, exibicionismo, produção de fotos), até diferentes tipos de ações que incluem contato sexual sem ou com penetração. Esse fenômeno apresenta uma dinâmica de funcionamento específica, iniciando-se sutilmente, e, à medida que o abusador conquista a confiança da vítima, os contatos sexualizados tornam-se gradualmente mais íntimos (CAMINHA; 2002; ANTONI; KOLLER; 2000; PIRES apud SANTOS; DELL'AGLIO, 2010).

Segundo Baptista (2008), a violência doméstica contra crianças e adolescentes é um fenômeno prevalente na história da civilização ocidental, sendo construída socialmente, fundada em crenças, valores, padrões e permissões de determinada época e cultura.

Baptista (2008), ainda, refere que

[...] em estudo realizado pela Organização das Nações Unidas consta que a violência contra a criança ainda é frequentemente silenciada, e que há escassez de dados estatísticos a respeito desse problema e que iniciativas de combate a esse tipo de violência costumam priorizar os sintomas e suas consequências, e não as suas causas. As estratégias governamentais costumam ser fragmentadas e pouco resolutivas, devido há escassez de recursos financeiros. E os compromissos internacionais para proteger as crianças da violência não costumam redundar em medidas no plano nacional.

Para Brino e Willians (2003), os dados epidemiológicos sobre o abuso sexual na literatura brasileira não são abrangentes, correspondendo a locais isolados e amostras parciais. Além disso, os dados levantados em delegacias, conselhos tutelares e ambulatórios não refletem a realidade das ocorrências.

A maioria dos casos não são identificados em razão da omissão, muitas vezes, da própria família. Isso se deve ao fato de esse tipo de violência ser acompanhado de culpa e vergonha. Na maioria das vezes, como ocorre dentro de casa, tal violência permanece, no dizer de Saffioti (1996 apud BRINO; WILLIANS, 2003), “silenciosa”.

Pelo que se pode perceber, esse tipo de violência tem aumentado relativamente nos últimos anos. Mas, em decorrência da omissão de muitas famílias e, de certa forma, também, pelo preconceito da sociedade e a cultura, muitas vezes, fica no silêncio, esquecida, não deixando, porém, de produzir mais e mais vítimas. Por isso, a relevância social e científica desse tema.

Para França Junior (2003),

Uma distribuição tão ampla, como a do abuso sexual na infância, que não se restringe a grupos sociais e econômicos, pode significar que há questões culturais muito profundas que determinam sua ocorrência. A Epidemiologia contemporânea precisa aprofundar sua reflexão conceitual e metodológica, alimentando sua imaginação a partir das contribuições de outros saberes, para poder examinar os caminhos por onde passam os determinantes do abuso sexual na infância.

Novamente, aborda-se a questão cultural dessa violência e, também, a necessidade de aprofundamento da literatura científica, principalmente no Brasil.

Para Baptista et al. (2008), no Brasil, há relatos de autores acerca de que, em nossa cultura, existe um certo grau de complacência social em relação aos casos de maus tratos na infância em razão da crença de que os cuidadores têm direito ilimitado sobre a criança o que leva ao abuso de poder do mais forte sobre o mais fraco.

Neste momento, percebe-se a necessidade da criação de estratégias para mudar essa visão que muitos pais e familiares ainda têm sobre as crianças e adolescentes, fazendo delas objetos de seu poder, e não as considerando seres humanos que também possuem direitos, sendo seus pais e familiares os maiores responsáveis por garantir os direitos deles.

Em 1987, John Sebold refere que

[...] nos últimos anos a questão do abuso sexual de crianças e adolescentes tem sido focalizada com mais atenção. A maioria dos profissionais têm concentrado seu esforço no tratamento de meninas,

mais especificamente as vítimas do incesto pai-filha. Sob vários aspectos esta abordagem parece lógica pois a maioria dos casos de abuso sexual de criança envolve um adulto ou adolescente do sexo masculino que abusa de menina ou de uma adolescente. No entanto, esforços similares devem ser feitos para identificar menores do sexo masculino vítimas de abuso sexual.

Vinte e cinco anos se passarem, e essa realidade não se modificou; os casos de abuso sexual contra crianças e adolescentes aumentaram, e os casos de abuso contra meninos continuam na penumbra do “pré-conceito”. No texto, são identificados e discutidos indicadores de crianças do sexo masculino vítimas de abuso sexual. Estima-se que entre 46.000 e 96.000 crianças do sexo masculino são vítimas de abuso sexual a cada ano. Em 1979, somente 7.600 casos foram documentados por profissionais. Estar consciente de indicadores levará ao tratamento precoce das vítimas (SEBOLD, 1987).

E é este o benefício que com este artigo se pretende: a conscientização da sociedade e dos profissionais envolvidos nessa **área** sobre a necessidade de estudo, tratamento e, principalmente, prevenção do abuso sexual contra meninos.

3 MÉTODO

A presente pesquisa é um estudo descritivo, em que foram observados, analisados e interpretados dados de abuso sexual em meninos da cidade de Joaçaba, SC, com idades entre 0 e 18 anos incompletos, ocorridos entre janeiro de 2012 e janeiro de 2013, além dos dados referentes ao Estado de Santa Catarina.

Segundo Duarte (2014),

A pesquisa descritiva tem por objetivo descrever as características de uma população, de um fenômeno ou de uma experiência. Esse tipo de pesquisa estabelece relação entre as variáveis no objeto de estudo analisado. Variáveis relacionadas à classificação, medida e/ou quantidade que podem se alterar mediante o processo realizado.

A coleta de dados foi realizada por meio do Sistema de Informações para Infância e Adolescência (SIPIA) (2013), no módulo para conselheiros tutelares.

O SIPIA é um sistema nacional de registro e tratamento de informações sobre a garantia e a defesa dos direitos fundamentais preconizados no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA).

O Sistema de Informações para Infância e Adolescência (2013) tem uma saída de dados agregados em nível municipal, estadual e nacional e se constitui uma base única nacional para formulação de políticas públicas no setor. A base do sistema é o Conselho Tutelar, para o qual se dirigem de imediato as demandas sobre a violação ou o não atendimento aos direitos assegurados à criança e ao adolescente.

Os Conselhos Tutelares são responsáveis por receber e apurar denúncias sobre violações dos direitos da criança e do adolescente – que incluem maus-tratos, crianças fora da escola, trabalho e prostituição infantil ou do adolescente (SISTEMA DE INFORMAÇÃO PARA INFÂNCIA E ADOLESCENTE, 2013).

Para acesso ao SIPIA-CT Web, há necessidade de cadastro (usuário e senha), o qual a pesquisadora já possuía, por ser conselheira tutelar do município em que a pesquisa foi realizada.

Para a coleta de dados do Estado de Santa Catarina, a pesquisadora entrou em contato, via *e-mail*, com a Corregedoria Geral da Justiça de Santa Catarina, por meio de seu Juiz Corregedor, em que foi explanado sobre os objetivos da pesquisa e, assim, disponibilizados os dados sobre abuso sexual em meninos, durante o período pesquisado.

O ambiente em que ocorreu a pesquisa foi a biblioteca da Universidade do Oeste de Santa Catarina (Unoesc Joaçaba), pelo fato de os dados estarem disponíveis em um sistema de informações em que há acesso pela rede; não houve necessidade de visita ao órgão que realizou o atendimento às vítimas de abuso.

A análise dos dados aconteceu a partir da resultante obtida por meio das observações, com subsídio de referencial teórico, resultando na elaboração deste artigo científico.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

4.1 O ABUSO SEXUAL EM MENINOS

Para Pinto Junior (2005), a compreensão da violência sexual contra meninos no ambiente familiar é uma tarefa difícil. Os dados de algumas pesquisas na área mostram que a violência sexual intrafamiliar contra meninos, geralmente, é de longa duração e de maior contato físico entre vítima e abusador.

Fischer e McDonald (1998 apud PINTO JUNIOR, 2005)

[...] afirmam que a vitimização sexual doméstica de meninos revela os mais sérios atos sexuais, tais como a felação e penetração anal, de maneira frequente e sigilosa. A violência doméstica caracteriza-se, ao contrário da violência extrafamiliar, por sua repetição e pelo frequente uso de outras formas de violência, como a física e psicológica.

Ainda, de acordo com Mey (1988 apud PINTO JUNIOR, 2005), os meninos sofrem muito mais ameaças de seus agressores, e estes fazem uso de mais força física para conseguir a concretização de seus atos.

Em relação aos dados epidemiológicos da violência contra meninos no Brasil, estimativas indicam que uma em cada quatro meninas e um em cada seis meninos foram expostos a alguma forma de violência sexual na infância ou adolescência (SANDERSON, 2005 apud VON HOHENDORFF; HABIGZANG; KOLLER, 2012). Para os autores, esse número não é irrelevante para justificar a carência de estudos sobre a população masculina no Brasil. Essa temática necessita maior visibilidade social, a fim de que vítimas, profissionais e sociedade em geral possam percebê-la como um problema de saúde pública, como ocorre em relação à violência sexual contra meninas e mulheres (HOLMES; OFFEN; WALLER, 1997 apud VON HOHENDORFF; HABIGZANG; KOLLER, 2012).

4.2 IDENTIFICAÇÃO DAS VÍTIMAS

No que se refere à identificação das vítimas de abuso sexual, na cidade de Joaçaba, conforme se observa no Quadro 1, o número de abusos sexuais em meninos está crescendo, comparado ao abuso em meninas.

Quadro 1 – Identificação das vítimas de abuso sexual no período de 01/01/2012 a 01/01/2013 na cidade de Joaçaba, SC

Síntese da Violação	Masculino	Feminino
Abuso sexual por pessoas da família	2	5
Abuso sexual por membros do círculo de relações sociais e de amizade	1	3
Abuso sexual por cuidadores	-	1
Corrupção para abuso sexual	1	1
Assédio sexual	-	2
Outros	1	1

Fonte: Sistema de Informação para Infância e Adolescência (2013).

Ainda, no Quadro 2, informa-se a idade das vítimas de abuso sexual, na cidade de Joaçaba. A análise dos dados indica que, no total de casos notificados por algum tipo de violência sexual, os meninos foram vítimas em cinco casos, em contrapartida, 13 meninas foram vítimas.

No entanto, conforme a literatura explanada anteriormente, os meninos sofrem mais ameaças e violência. Pode-se entender que esse número já é assustador e necessita de imediata atenção da sociedade.

Quadro 2 – Identificação da idade das vítimas de abuso sexual no período de 01/01/2012 a 01/01/2013 na cidade de Joaçaba, SC

Síntese da Violação	Até 5 anos	Entre 5 e 12 anos	Entre 12 e 17 anos
Abuso sexual por pessoas da família	-	4	3
Abuso sexual por membros do círculo de relações sociais e de amizade	1	1	1
Abuso sexual por cuidadores	1	-	-
Corrupção para abuso sexual	-	1	1
Assédio sexual	-	1	1
Outros	-	2	-

Fonte: Sistema de Informação para Infância e Adolescência (2013).

Segundo Von Hohendorff, Habigzang e Koller (2012), em relação à idade da vítima, estudos realizados no Brasil não apontam um consenso, embora haja uma tendência de que as vítimas sejam meninos de até 12 anos.

Para Holmes e Slap (1998 apud VON HOHENDORFF; HABIGZANG; KOLLER, 2012),

[...] uma possível explicação para a predominância da faixa etária até 12 anos entre meninos vítimas de violência sexual pode ser atribuída ao desenvolvimento físico e cognitivo. À medida que se desenvolvem, os meninos possuem maior capacidade cognitiva de entendimento do que é certo e errado, estando mais aptos a diferenciar interações esperadas. Além disso, a força física adquirida pelos meninos ao longo da adolescência pode intimidar possíveis autores de violência sexual. No que tange às características desses autores, esses geralmente são do sexo masculino e heterossexuais.

Como se pode observar no Quadro 2, realmente a maior incidência de casos é dos 5 aos 12 anos, sendo nove casos registrados para essas idades, apenas dois casos até 5 anos e seis casos entre 12 e 17 anos.

Em relação aos dados disponibilizados pela Corregedoria-Geral da Justiça do Estado de Santa Catarina, pode-se observar, conforme a Tabela 1, que os números aumentaram consideravelmente de 2011 para 2012; os casos de violência sexual em meninos duplicaram de um ano para o outro.

Tabela 1 – Ações Penais/inquéritos vítimas de violência sexual

ANO	FEMININO	MASCULINO	TOTAL
2011	416	205	621
2012	1.105	499	1.604

Fonte: Corregedoria-Geral da Justiça (2013).

Para Pinto Junior (2005),

[...] o medo do estigma da homossexualidade, os sentimentos ambivalentes, a atribuição de culpa aos meninos e a própria “cegueira” da sociedade podem fazer que o número de casos reportados seja muito pequeno. Além disso, os meninos são socializados no sentido de não demonstrar qualquer tipo de fraqueza ou de medo.

Os casos registrados têm aumentado, mas a literatura refere que o número é pequeno. O que se pode entender, neste momento, é que, talvez, e muito provavelmente, esse número seja maior que o registrado em meninas, e que a sociedade realmente esteja “cega”.

4.3 COMPARAÇÃO DOS REGISTROS COLETADOS

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia Estatística (IBGE) (2013), o Estado de Santa Catarina possui 295 municípios, com uma população estimada em 6.634.254 milhões de habitantes, e o município de Joaçaba, uma população estimada de 28.398 mil habitantes. Assim, conforme dados coletados nesta pesquisa, no Município de Joaçaba foram registrados cinco casos de abuso sexual em meninos, em 2012, em Santa Catarina foram registrados 499 casos.

A partir disso, a incidência é de que há um caso de abuso sexual em meninos para cada 13.495 habitantes catarinenses e um caso de abuso sexual em meninos para cada 5.680 habitantes do Município de Joaçaba.

Todavia, considerando a literatura estudada, esse número pode ser maior, para Gobbetti e Cohen (2002 apud PIRES FILHO, 2011) “[...] no caso de abuso sexual contra meninos, levanta-se a hipótese de que os mesmos tenham mais dificuldades para discriminarem e denunciarem o ato abusivo, pois, em sua grande maioria, trata-se de relações homossexuais, implicando em mais um fator discriminatório e estigmatizante.”

Para Scodelario (2002 apud PIRES FILHO, 2011), outros motivos são: achar que ninguém irá protegê-lo, achar que a mãe sabe e não pode fazer nada, medo de perder o afeto do agente perpetrador, receio de que os outros não acreditem e medo de represálias.

Ponderando os dados pesquisados e supondo que para cada município do Estado de Santa Catarina hajam cinco casos registrados durante um ano, sabendo que no Estado há 295 municípios, o número triplicaria de 499 casos para 1.475, assim, um caso para cada 4.498 habitantes.

Não se pode afirmar esses dados; todavia o que se percebe pelas poucas pesquisas publicadas é que realmente os casos podem aumentar e estão aumentando. Porém, os registros ainda são poucos, e é nesse ponto que há a necessidade de mudança, seja conscientizando a família, os profissionais de saúde, enfim, toda a sociedade, seja desmistificando esse tema tão comum e ao mesmo tempo tão proibido.

4.4 ESTRATÉGIAS DE PREVENÇÃO AO ABUSO SEXUAL EM MENINOS

De acordo com a literatura pesquisada, o que se pode perceber é que, em relação às estratégias de prevenção, há muitas dificuldades para elaborá-las considerando a escassez de material disponível e, ainda, o “pré-conceito” de uma sociedade machista.

Segundo Nasjleti (1980 apud PINTO JUNIOR, 2005),

[...] a falta de compreensão e entendimento acerca da vitimização sexual masculina pode ser devido ao silêncio que circunda a questão em nossa sociedade patriarcal e machista [...] a masculinidade nega e rejeita qualquer tipo de fraqueza e pedido de ajuda, considerando a passividade no homem como um atributo da homossexualidade. Portanto, as vítimas masculinas de violência sexual frequentemente sofrem em silêncio, revitimizando a si próprios. A vítima masculina sente vergonha, medo de estar psicologicamente doente e de ser desacreditada por parentes ou pessoas próximas.

Pinto Junior (2005), em seu livro *Violência sexual doméstica contra meninos: um estudo fenomenológico*, refere que, em relação à violência sexual doméstica em meninos: “[...] trabalhar os mitos, os tabus e as fobias é de vital importância para a compreensão e o entendimento de um problema que profissionais, pesquisadores e a sociedade como um todo, por várias razões, vêm negligenciando há muito tempo.”

Ainda, o autor define que,

[...] com base nos resultados obtidos, destaca-se a necessidade de se pensar em formar intervenções estruturadas em psicoterapia específica com meninos sexualmente vitimizados no lar, que levem em consideração os condicionantes culturais e sociais atrelados ao fenômeno, bem como as dinâmicas geradoras de estresse e trauma. (PINTO JUNIOR, 2005).

Uma estratégia interessante é a conscientização da população em geral, por meio de campanhas informativas em contexto estadual e nacional, enfocando as formas de prevenção e como e onde fazer denúncias.

Sabe-se da existência de diversos órgãos públicos de proteção como Delegacia, Conselho Tutelar, CREAS, CRAS, Postos de Saúde, Promotoria, Disque 100, entre outros. Todavia, muitas vezes, não é apresentada à população e, também, aos profissionais qual a finalidade desses órgãos.

Contudo, Furniss (1993 apud PIRES FILHO, 2011)

[...] ressalta que de um modo geral, os casos atendidos [...] são provenientes de um processo de denúncia, realizado junto aos órgãos públicos, envolvidos em atividades de promoção e defesa dos direitos da criança e do adolescente. Dentro dessa perspectiva, apesar de a denúncia ser considerada como um processo que gera um novo estresse, na maioria das vezes provocando danos secundários para a criança e para a família, ela é o caminho comum.

Portanto, percebe-se que, embora existam meios de denúncia, ainda assim, tem-se a preocupação de como proteger essas crianças e adolescentes, meninos vítimas de abuso sexual, evitando ao máximo expô-los e/ou constrangê-los.

Nesse ponto, o papel dos profissionais, seja o psicólogo ou qualquer outro que mantenha contato com a criança ou adolescente vítima de abuso sexual e sua família, é de tranquilizá-los explicando passo a passo os processos pelos quais irão passar e a melhor forma de a família entender e lidar com a situação.

Os autores Von Hohendorff, Habigzang e Koller (2012) referem ainda que,

[...] por se tratar de uma situação complexa, todos aqueles que possuem contato com meninos e homens, ou seja, pais, professores e profissionais devem ser capazes de identificar sinais e sintomas decorrentes da violência sexual para proceder aos encaminhamentos necessários. [...] A atuação profissional deve ser baseada no treinamento, estudo e cooperação com outros profissionais em uma equipe multidisciplinar. É fundamental que o tratamento dispensado às vítimas esteja embasado em abordagem contextualizada e compreensiva de cada caso.

Enfim, para Pires Filho (2011), a questão do abuso sexual contra crianças é muito mobilizadora, em razão da carga de sofrimento que acarreta, sendo necessários bom senso, sensibilidade e equilíbrio por parte de quem atende à criança e à família.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, esta pesquisa indicou que há a necessidade de mais estudos em nível nacional, voltados à violência sexual contra meninos, bem como refere que os casos registrados vêm aumentando, e que muito pouco está sendo feito para modificar essa realidade.

Para Von Hohendorff, Habigzang e Koller (2012),

[...] ao se estudar e divulgar dados acerca da vitimização sexual masculina pode-se iniciar um movimento de mudança cultural de subnotificação desses casos no Brasil. Estudos futuros podem contribuir para desmistificação da violência sexual masculina evidenciada pela escassez de estudos nacionais sobre o assunto.

Ainda, pode-se perceber que em Santa Catarina, os casos registrados duplicaram de um ano para outro, e que a realidade do município de Joaçaba assusta, comparando-se os dados.

A pesquisa ainda refere que os meninos sofrem muito mais que as meninas, no caso da violência sexual, pois são mais ameaçados e, normalmente, o uso de violência física é maior. O medo e o preconceito também aumentam no caso do abuso sexual em meninos, fazendo com que muitos não relatem a situação que estão vivenciando.

Em relação às estratégias de intervenção, novamente a pesquisa nos remete à escassez de estudos, sobre como trabalhar com a criança e o adolescente do sexo masculino vítima de abuso sexual. Muitos autores relatam a dificuldade desse trabalho, por ser um tema difícil e que gera muito preconceito perante a sociedade.

Assim, esta pesquisa mostrou a necessidade de novos estudos que tragam dados indicadores e que determinem a melhor abordagem às vítimas de abuso sexual.

Sexual abuse in boys: breaking the silence

Abstract

Currently, the concern about sexual violence has become an object of study and discussion by the society, especially when this violence happens against children and adolescents. This study aimed to identify the number of cases of sexual abuse in boys, attended by the Child Protection Council of Joaçaba comparing it to the state rate as well as to define sexual abuse and characterize prevention strategies against the sexual abuse in boys. This research has social and scientific relevance, because although the subject has been poorly researched, there is a high rate of occurrence. Throughout the reading it can be observed the dire need of further research and grounded studies and specific approaches that could help professionals in the intervention with the child / adolescent who was victim of sexual abuse.

Keywords: Sexual abuse in boys. Violence. Prevention.

REFERÊNCIAS

- ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro: Ltc, 1981.
- BAPTISTA, Rosilene Santos et al. Caracterização do abuso sexual em crianças e adolescentes notificado em um Programa Sentinela. **Acta Paul Enferm**, Campina Grande, v. 21, n. 4, p. 602-608, jul. 2008.
- BRINO, Rachel de Faria; WILLIAMS, Lúcia Cavalcanti de Albuquerque. Concepções da professora acerca do abuso sexual infantil. **Cadernos de Pesquisa**, São Carlos, v. 119, p.113-128, jul. 2003.
- CORREGEDORIA-GERAL DA JUSTIÇA. Poder Judiciário do Estado de Santa Catarina. Ações Penais/ Inquéritos distribuídos no período Jan/ 2011 a Dez/ 2012. Disponibilizado pelo Exmo. Sr. Dr. Alexandre Karazawa Takaschima, 2013.
- DUARTE, Vânia Maria do Nascimento. **Pesquisas**: Exploratória, Descritiva e Explicativa. 2013. Disponível em: <<http://monografias.brasilecola.com/regras-abnt/pesquisas-exploratoria-descritiva-explicativa.htm>>. Acesso em: 30 mar. 2013.
- FRANÇA JUNIOR, Ivan. Abuso Sexual na infância: compreensão a partir da Epidemiologia e dos Direitos Humanos. **Interface: Comunic, Saúde, Educ.**, São Paulo, v. 7, n. 12, p.23-38, 2003.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. 2013. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/>>. Acesso em: 06 jan. 2014.
- KRISTENSEN, Christian Haag. **Abuso Sexual em Meninos**. 1996. 106 p. Dissertação (Mestrado)–Curso de Psicologia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 1996.
- PINTO JUNIOR, Antonio Augusto. **Violência sexual doméstica contra meninos**: um estudo fenomenológico. São Paulo: Vetor, 2005.
- PIRES FILHO, Moacyr Ferreira. **Abuso Sexual em Meninos**: A violência intrafamiliar através do olhar de psicólogo que atende em instituições. Curitiba: Juruá, 2011.
- SANTOS, Samara Silva dos; DELL'AGLIO, Débora Dalbosco. Quando o silêncio é rompido: o processo de revelação e notificação de abuso sexual infantil. **Psicologia & Sociedade**, Porto Alegre, v. 22, n. 2, p.328-335, 2010.
- SEBOLD, John. Indicadores de Abuso Sexual de Meninos e Adolescentes. **Social Casework**, Iowa, v. 68, n. 2, p.75-80, fev. 1987.
- SCHAEFER, Luiziana Souto; ROSSETO, Silvana; KRISTENSEN, Christian Haag. Perícia Psicológica no Abuso Sexual de Crianças e Adolescentes. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Rio Grande do Sul, v. 28, n. 2, p.227-234, abr./jun. 2012.
- SISTEMA DE INFORMAÇÃO PARA INFÂNCIA E A ADOLESCÊNCIA. Disponível em: <<http://www.sipia.gov.br/CT>>. Acesso em: 30 mar. 2013.
- VON HOHENDORFF, Jean; HABIGZANG, Luísa Fernanda; KOLLER, Silvia Helena. Violência sexual contra meninos: Dados epidemiológicos, características e consequências. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 23, n. 2, p. 395-415, 2012.